

LITERATURA, TELEVISÃO, GLOBALIZAÇÃO, TRANSDISCIPLINARIDADE E INTERNET

Pedro Pires Bessa (FUNEDI/UEMG)

RESUMO

Confronto da literatura com algumas expressões fundamentais da mídia: televisão e internet, visando entender, sobretudo, esta última, à luz da globalização e da transdisciplinaridade, enfocando autores da Literatura Brasileira e Divinopolitana. Buscar-se-á desvelar os caminhos novos que a Internet está abrindo para uma nova literatura, tanto na expressão formal, quanto no conteúdo, na arte como na teoria.

Palavras-chave: Literatura; Televisão; Internet; Globalização; Transdisciplinaridade.

RESUMÉ

Confrontation de la littérature avec quelques expressions fondamentales de la media: télévision, journalisme et Internet, en vue de les entendre a la lumière de la transdisciplinarité, étudiant auteurs brasiiliens et divinopolitains On cherchera dévoiler les chemains nouveaux que l´Internet ouvre pour une nouvelle littérature, aussi dnas l´expressión formel, que dans l´art comme héorie.

Des mots-clefs: Media; Littérature; Télévision; Jounalisme; Internet; Transdisciplinarité.

* * *

Introdução

A relação da literatura com a televisão no Brasil é muito complexa e abrangente.(BESSA, 2004)

Octávio Augusto Vampré escreve que, em 1952, dois anos após a implantação da televisão, no Brasil, a TV Tupi, Canal 5, lançou uma adaptação de **Casa de Pensão**, romance de Aluísio Azevedo. (1979, p. 215)

Desde então, até os dias de hoje, continuamente, a TV brasileira tem feito adaptações de obras literárias, com maior ou menor felicidade, com maior aproximação ou afastamento do



texto original. Muitas vezes a adaptação de obras literárias pela televisão caracteriza-se por uma busca, por parte da TV, de dar caráter de validade cultural a suas criações.

O grande número dessas adaptações pode-se ver, por exemplo, no catálogo das telenovelas feito por Ismail Fernandes.(1997). Uma das mais constantes são as várias edições, realizadas pela Rede Globo de Televisão, de **O Sítio do Picapau Amarelo**, de Monteiro Lobato, numa recriação que leva em conta o modo de ser da época em que se fizeram.

As relações da literatura com a televisão são abundantes e já aceitas com naturalidade pela comunidade acadêmica, (BALOGH, 2005). Os intercâmbios de Literatura com a Internet precisam ainda ser desocultados. Por isso determos-nos nessa comunicação, no enfoque dessa segunda realidade, lembrando que a Internet está profundamente entrelaçada com a globalização e a transdisciplinaridade.

1 Literatura e Internet

Um dos nossos grandes cantores e compositores, Gilberto Gil, sensibilizou-se pelo tema da Internet, compondo o seguinte poema-canção: Pela Internet.

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut



"De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar."
Pela Internet (2007)

Gilberto Gil, com sua apurada sensibilidade artística, soube captar bem o cosmos da Internet com toda sua importância para colocar o internauta em contato com todo o mundo. É o sentimento da globalização na prática. Curiosamente o cantor-poeta consegue navegar por esse mundo novo sem esquecer-se das pulsações primitivas de seus ancestrais.

1.1 Internet

Há um caminho longo de Gutenberg à Internet, com algo marcante a separá-los: a rapidez colossal com que a Internet se criou e se espalhou pelo mundo. Apesar de ter surgido pelos anos de 1968/69 é a partir de 1993/94, que ela começa a ganhar espaço universal, com colossal globalidade, (BRIGGS, 2004).

Vivemos no mundo da informação, da comunicação, da imagem. O mundial e o nacional, o social e o particular moldam-se por essa situação. Por trás de tudo isso está o computador e a Internet. Nossa sobrevivência depende do entendimento desse fenômeno (PIGNATARI, 2003). É, sobretudo, essencial que saibamos captar o novo mundo moldado pelas imagens eletrônicas, (ARISTARCO, 1990). Esse fenômeno é tão abrangente, que envolve a cada um de nós em todos os momentos de nossa vida cotidiana de modo tão total que quase não temos mais consciência desse fato, (JOHNSON, 2001).

Como tivemos de ser alfabetizados para a Galáxia de Gutenberg, a civilização contemporânea exige um letramento digital, (COSCARELLI, 2005). Computadores, Internet e banda larga deixaram de ser luxo para poucos, tornaram-se instrumentos de uso cotidiano para todos, em tarefas simples

como no ato de fotografar, usar o sistema bancário e outras atividades do dia-a-dia ou de cultura ou de lazer.

Além disso, há nova maneira de ler, de contactar-se com a realidade e com a arte, (SILVA, 2003), através do mundo virtual, chegando-se mesmo a criação de uma linguagem e uma literatura próprias: o internetês.

Tudo isso influencia a literatura. A informação sobre a vida e a obra de escritores nacionais e internacionais circula globalmente com abundância na Internet e em enciclopédias mundiais-virtuais como a Wikipedia. Muitos poetas e prosadores têm trabalhado e criado com os recursos infinitos da Internet.

1.2 Transdisciplinaridade

Estamos vivendo novos tempos com uma crise sem precedentes de todos os valores com uma quebra total de fronteiras. Uma das tentativas teóricas de estar nesse ambiente é a transdisciplinaridade. Ivan Domingues diz que a transdisciplinaridade não possui ainda exemplos emblemáticos, “trata-se de uma utopia” (2005, p. 25).

Continua afirmando que “o trans deverá ser construído no futuro, tomando como inspiração a Escola de Sagres, o projeto Apolo e certas experiências recentes nos campos disciplinares, como a inteligência artificial, as neurociências, a bioinformática e tantas outras” (Ibid., p. 26-27). Fala também que o trans deverá ocorrer “através da aproximação das artes, das tecnologias e das ciências. Sobre esse ponto, há quem acredite que sua inspiração deverá ser buscada /.../ na Internet.” (Ibid., p. 31).

O autor acrescenta também: “propomos que a tópica transdisciplinar fosse pensada e figurada como uma rede, baseada não na rede de pescador, toda ela trançada e organizada em malhas, mas na rede da informática e das telecomunicações, organizada em pontos que se agrupam, podendo estar conectados ou não.” (Ibid., p. 34-35).

Severino Antônio propõe que se busque no poético o caminho para a transdisciplinaridade, que deverá ser “uma nova relação poética com o mundo, com os outros, com o conhecimento, com a própria existência, (ANTONIO, 2002, p. 25). E o autor faz um resumo do que será realmente toda a sua

obra:

Reencantar a aprendizagem. Escrever e reescrever poeticamente o texto da existência. Estas são duas imagens matrizes, dois princípios fundadores das páginas que se seguem. Inseparavelmente, nestas páginas pulsa também uma outra necessidade vital: religar os campos de saber, circular as vozes e os diálogos, atravessar as rígidas fronteiras que enclausuram o conhecimento, transcender as separações que dilaceram o sentido. Transdisciplinaridade: um novo olhar, uma nova escuta poética. (2002, p. 25). (Itálicos do autor).

Esse ultrapassamento de fronteiras internacionais, nacionais, pessoais e culturais, tão apregoado pela transdisciplinaridade, vem sendo feito há tempos pela música. O poema de Gilberto Gil, apresentado acima, ao ser cantado faz uma aproximação muito proveitosa entre música e literatura, (OLIVEIRA, 2002), A mídia brasileira é muito rica em relação a poetas-músicos-cantores, entre outros, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Tom Jobin e o mais marcante de todos, o poetinha Vinicius de Moraes.

Uma das marcas da transdisciplinaridade é o ultrapassamento de fronteiras, na globalização, (LOBO, 1999). A literatura sempre se caracterizou pela não aceitação do status quo, sempre buscando algo além do dito, além do estabelecido, por isso a literatura tem tudo a ver com a transdisciplinaridade, seja na sua estrutura geral como em realizações práticas de obras literárias de valor.

1.3 Obras e autores no jogo internet-transdisciplinaridade

Uma dessas obras é **Engordo, logo como**, da divinopolitana Doutora Yara Ferreira Etto, que se constitui num ultrapassamento e conjugação das fronteiras da literatura e da medicina.

A Literatura Brasileira ostenta vários médicos entre seus nomes de maior relevo. Lembremos um, o Doutor Guimarães Rosa, um dos principais escritores de todos os tempos em nosso idioma. A Doutora Yara Ferreira Etto inscreve-se nessa tradição.

Os gregos, com Platão e Aristóteles, (1975), mostraram que a arte se faz através da “mímesis”, que teóricos modernos mostraram significar a recriação da realidade pelo poético, (LIMA, 1980) **Engordo, logo como** é uma mímesis de determinado momento da vida médica, isso é, uma recriação

poética de uma médica às voltas com o problema da obesidade.

Mais ainda, **Engordo, logo como** é uma mímesis da realidade que nos cerca por todos os lados, a incomensurável preocupação com a gordura, revelada pelos inúmeros e torturantes regimes, angústias indescritíveis sobre balanças, neuroses assustadoras diante de peças de roupa, o suplício do espelho, a comida tornada dilema, os SPAS que se multiplicam, as delirantes ginásticas e seus semelhantes, as publicações sem conta sobre o assunto, as veiculações sobre esse tema pela televisão, uma das causas da alegria financeira de alguns psiquiatras e muito mais.

Tudo isso, captado poeticamente, deu **Engordo, logo como**, fazendo dessa obra uma magnífica criação mimética, uma magnífica obra de arte literária.

O recurso estilístico, utilizado pela escritora Yara Etto, foi recorrer ao cômico, como forma de dizer o que julgasse necessário de modo agradável e sem que o leitor se sentisse agredido. O cômico como instrumento de verdades plenas. Nesse sentido ela pôde descer ao mais profundo da alma do gordo, desvelando todos os subterfúgios com que ele tenta enganar-se. A autora consegue mais, ela própria e cada um de seus leitores sentem-se vivendo um dos gordos ou um gordo em potencial.

Engordo, logo como é uma obra literária de valor por sua estruturação e, sobretudo, por sua originalidade. Além disso, ajuda os leitores a conviver, de uma forma ou de outra, com a incômoda gordura humana.

Com tudo isso, **Engordo, logo como** é uma obra que aponta para a transdisciplinaridade, por seu contínuo ultrapassamento das fronteiras da medicina e da literatura, ao mesmo tempo que conjuga-as para o objetivo de apresentar o atual cotidiano globalizado mimético da luta contra a gordura humana.

A era das imagens eletrônicas chegou, tomou conta de tudo sem pedir licença. As novas tecnologias, como extensões do homem, na genial visão de Marshall McLuhan, (1979), envolvem-nos diariamente, diante de um caixa eletrônico de banco, com o telefone celular, com o computador, nas repartições públicas, nos consultórios médicos e em infinitos outros tópicos. É claro que a literatura não escapa desse rolo

compressor. Hoje a literatura visual é uma realidade incontestável.

Uma das manifestações desse mundo, ao mesmo tempo fascinante e assustador, é a internet, que mantém uma relação abundante com a literatura.

O escritor divinopolitano Lázaro Barreto, (2007), criou um blog, seu novo livro eletrônico, seus poemas estão ao alcance de nossos olhos, bastando um leve toque no mouse. Poemas com a marca Lázaro Barreto, isso é, densos; simbólicos; questionantes; palpitantes de humanidade; lançando estilhaços de poesia para todos os lados, na construção de um mundo que é, ao mesmo tempo, primitivo, originário e atualíssimo. São poemas de raro refinamento cultural erudito.

O poema “As semelhanças e as diferenças” canta:

“Um rosto sempre lembra outro rosto / daí a nossa simpatia ou antipatia / espontânea e instantânea. / Isso é comum em minha velha cinefilia: / quando vejo uma Adelina que me lembra Laraine Day / quando vejo uma Anália que me lembra Paulette Goddard / ah é luz verde no sinal de trânsito / está tudo bem, tudo bom mesmo. / Mas quem vejo me lembra Bette Davis depois / dos anos quarenta, nos papéis de megera; / ou Jack Pallance nos papéis de bandidão, / ah é luz vermelha interceptante, / é o bloqueio na certa das seqüências. / Sempre creio que a fiança das semelhanças / é mais garantida, / desde que haja o crédito e não o débito / das diferenças: / a irmã ou a prima, / mesmo que por parte de Adão e Eva / é melhor, muito melhor / do que a cópia em laboratório.”

O poema “Perdoai”. é uma pequenina pérola incrustada ainda, a espera de seu plenificar-se na alma do leitor: “Ela vem da fonte com as águas todas / e deixa a fonte com todas as águas. / Assim a poesia entrega seus poemas / uma vez na vida e outra na morte. / Perdoai-me.”

Os internautas que desejarem adentrar-se um pouco no mundo poético de Lázaro Barreto é só acessar o site: <http://lazarobarreto.blogspot.com>.

Como todas as coisas humanas, o cosmo digital é uma mistura de elementos adequados e inadequados. O livro eletrônico de Lázaro Barreto é um dos bons momentos da internet. Inúmeros outros blogs de autores nacionais e internacionais, conhecidos e desconhecidos pululam na Internet.

As referências em obras literárias a esse mundo digitalizado são cada vez mais freqüentes, como no conto O sol que não se pôs, onde após um encontro amoroso casual que se torna frenético, são “bilhetes sonoros celulares que sustentam agora os dois. /.../ Essas mensagens são agora a dose, a metadona que precisam para suportar as horas, os dias, os meses de torturante espera até a próxima parada.” (LUCINDA, 2004, 83-89),

Maria Luíza Ramos estuda, no contexto da transdisciplinaridade, a teoria da autopoiese, sobretudo na perspectiva de Humberto Maturama, “não só a mente e o corpo são aí considerados inseparáveis, nessa perspectiva que privilegia a interação com o meio, como também o eu e o mundo não podem independer um do outro.” (2005, p. 320) A autora retira várias conseqüências disso e faz uma aplicação prática dessa teoria em poemas de Carlos Drummond de Andrade e Emílio Moura. (RAMOS, 2005, p. 330-341).

2 Internet e Literatura

Procurando no site de busca Google, no dia 30 de maio de 2007, o título: “Literatura e Internet” foram disponibilizados “aproximadamente 2.730.000” tópicos sobre este item. Os 3 primeiros tratavam do seguinte:

O primeiro: **Guia de Literatura** – Uma ampla visão da literatura na internet através de sites que disponibilizam informações variadas sobre escritores livros...www.sobresites.com/literatura/” Rinaldo Ferandes apresenta o seguinte roteiro:

Há hoje uma produção literária veiculada por sites muito importante, impossível de ser deixada de lado por quem gosta do bom texto. Nota-se que mesmo aqueles autores que já ganharam o mercado, publicando livros por grandes editoras, aderiram a essa nova realidade. E os autores que nunca tentaram ou tiveram chance de ser publicados têm nos sites um excelente (e hoje já indispensável) suporte. Claro que há muita coisa de pouco valor, amadora, apressada (sobretudo nos blogs, cujo assunto principal, via de regra, é... o próprio blogueiro). Mas há sites que apresentam uma produção inteligente, feita por gente inquieta e muito talentosa. Cito, por exemplo, o primoroso Cronópios (<http://www.cronopios.com.br/>), editado por Edson Cruz e Pipol, que traz textos de gente como Sérgio Sant’Anna, Glauco Mattoso, Márcia Denser, Fabrício Carpinejar, Cláudio Daniel, Paulo Franchetti, Bráulio Tavares, Alcir Pécora, João

Batista B. de Brito, Sônia L. Ramalho de Farias, Maria José Lindgren, José Nêumane Pinto e Carlos Emílio Correa Lima, entre outros bons escritores. O Bestiário (<http://www.bestiario.com.br/>) publica poemas e contos de importantes autores brasileiros da atualidade, além de alguns estrangeiros. O Verbo 21 (<http://www.verbo21.com.br/>) traz boas entrevistas, ensaios e resenhas. O Portal Literal (<http://www.literal.com.br/>) integra os sites oficiais de Ferreira Gullar, Luís Fernando Veríssimo, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca e Zuenir Ventura (neste portal, recentemente, pesquei um dos melhores ensaios sobre literatura marginal, escrito pela sempre inteligente Heloisa Buarque de Hollanda). Este Rascunho também vem em versão on-line (<http://www.rascunho.com.br/>). A Zunai (www.revistazunai.com.br/), a Germina (<http://www.geminaliteratura.com.br/>), a Mnemazine (www.cronopios.com.br/mnemozine), a Etcetera (www.revistaetcetera.com.br), a Agulha (www.revista.agulha.nom.br), a Ciranda (www.revistaciranda.com.br), entre algumas outras, são revistas portentosas, de muita qualidade. Outros sites: cd-artes.blog.uol.com.br, <http://www.paralelos.org/>, <http://www.famigerado.com/>, <http://www.gargantadaserpente.com/>, <http://www.literaturaonline.com.br/>, <http://www.jornaldepoesia.jor.br/>, blonicas.zip.net, <http://www.arteria8.net/>, peledelontra.zip.net, <http://www.desconcertos.com.br/>, cep.zip.net, www.officinadopensamento.com.br/blog, www.digestivocultural.com/blog, <http://www.eraodito.blogspot.com/>, doidivana.zip.net. É muita coisa interessante na internet, e peço perdão pelas omissões. A produção veiculada por alguns dos sites acima indicados é incontestável, dispensa maiores comentários. Perde, portanto, o bonde da história literária quem hoje fecha os olhos para a telinha do computador.

O texto acima fala por si. Revela, sobretudo, que uma nova era para se estudar e viver a literatura está em plena eclosão.

O segundo tópico do Google acima diz

“Usina de Letras – Ensaio – ENTREVISTA COM ANTÔNIO MIRANDA SOBRE LITERATURA NA INTERNET – 02/12/2004 ... A Internet tem hoje públicos para todos os níveis de literatura... www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.Phtml?cod=515&cat+Ensaio&vinda=S - 42k -” Vamos apresentar, dessa entrevista, a 4ª pergunta e a resposta de Antônio Miranda

4- Internet e Literatura. Esse "casamento" é fértil?

Muito fértil, sem excluir o mundo maravilhoso das bibliotecas, das livrarias, das feiras de livros, dos café-concerts... Eu sou bibliotecário de formação, cientista da informação pelo doutoramento. Transito bem por galáxias gutenberguianas e ciberespaciais..."

"Acho que a Internet abre imensas e frutíferas possibilidades de conquista de um público para a poesia, não importa de que tipo e de que nível. Uma coisa é o mundo da comunicação intensiva através da leitura de livros e das revistas literárias, num aprofundamento de questões fundamentais; outra coisa é o mundo da comunicação intensiva pela web, de tudo para todos (pelo menos em tese...), sem barreiras acadêmicas, sociais, culturais além dos limites impostos pelos níveis de alfabetização, do domínio de línguas, da iniciação em determinados temas e técnicas literárias. Na prática, podem ser mundos complementários. Lembro-me sempre da experiência da primeira livraria virtual - a amazon.com - que iniciou-se fazendo a promoção de livros hasteada na opinião de críticos literários... Em determinado momento começou a divulgar as opiniões das pessoas comuns - donas de casas, aposentados, professores do segundo grau e até mesmo os críticos... - e as vendas cresceram! Não houve um abastardamento da cultura, como alguns querem interpretar. Houve o entendimento do sentido da mídia ao seu alcance, e até pelo reconhecimento do direito das pessoas que usam a Internet como forma de comunicação e de realização pessoal. Ninguém escreve para si ou para meia dúzia de críticos (que exercem seu papel, no momento específico da cadeia produtiva e divulgativa); escreve para o público em geral, nos níveis de leitura (e compreensão) que persegue. A Internet tem hoje públicos para todos os níveis de literatura, até porque ainda não é um veículo de massa (de absoluta e irrestrita inclusão digital) como aspiramos venha a ser em futuro próximo..."

Este texto é de uma riqueza colossal, no sentido de indicação de ultrapassamento de fronteiras, justamente no jogo de Literatura e Internet. O terceiro item apresentado no Google, indicado acima, diz:

"Literatura e Arte – Cronópios – Literatura e Internet
Por Nilo Maciel. Os sites literários devem ser grandes depósitos de textos, bibliotecas universais?
www.cronopios.com.br/site/internet.asp?id=1164-34k –"

Nilo Maciel disse o seguinte, no dia 24/03/2006:

Os sites literários devem ser grandes depósitos de textos, bibliotecas universais? Devem abrir espaço para a discussão de problemas editoriais no Brasil? Os catálogos das editoras e as estantes das livrarias brasileiras revelam que os escritores brasileiros contemporâneos (poetas, contistas e romancistas) são minoria no imenso universo do livro. Estão espremidos (quando muito) entre



livros didáticos (a maior fonte de lucro), clássicos da literatura universal e brasileira (domínio público), traduções, biografias, livros de auto-ajuda, etc. O ideal seria a elaboração de uma lei que criasse um fundo, cujos recursos proviessem dos lucros obtidos pelas editoras com a publicação dessas obras de domínio público. Esse fundo poderia patrocinar concursos públicos para publicação de obras inéditas ou mesmo editar (como o fazia o Instituto Nacional do Livro) livros selecionados em concurso ou em outra modalidade de seleção.”

“Os poetas, contistas e romancistas contemporâneos brasileiros estão fora do mercado. Entretanto, na opinião de livreiros, editores, dirigentes de câmaras do livro, a indústria editorial no Brasil vai muito bem, obrigado. Ora, só o governo compra 40% da produção de livros. Isto significa que está tudo muito bom (para eles). Todos nós (ou quase todos) publicamos nossos livros (quando publicamos) por editoras universitárias ou por conta própria. Ou seja, somos lidos apenas pelos amigos. A grande maioria escreve para as próprias gavetas. Um ou outro escritor consegue pôr a cabeça fora da água, a muito custo. Alguns conseguem organizar antologias e, assim, tirar do limbo, uns poucos escritores. É o caso de Nelson de Oliveira, Rinaldo de Fernandes e outros. Louve-se também o trabalho de Rogério Pereira, à frente do jornal Rascunho.

Realizei pesquisa no dia 13 de março de 2006, no “Google”. Fiz busca das seguintes palavras, em ordem alfabética: amor, arte, Bíblia, conto, cultura, guerra, Jesus, literatura, livro, paz, poesia, revista, saúde, sexo e vida. Pela ordem de grandeza, são os seguintes os números de páginas, no Brasil, de cada uma das palavras acima: Saúde – 37.600.000; Vida – 24.300.000; Cultura – 19.200.000; Livro – 16.500.000; Revista – 15.100.000; Arte – 13.600.000; Amor – 13.200.000; Literatura – 9.440.000; Sexo – 9.440.000; Guerra – 6.520.000; Jesus – 6.130.000; Poesia – 6.000.000; Bíblia – 5.130.000; Paz – 2.370.000; Conto – 1.690.000.

O elevado número de páginas dedicadas ao livro é sintomático. Como falar em “morte do livro”, se na própria Internet ele está mais vivo do que nunca? Eduardo Diatahy B. de Menezes, no artigo “A morte do livro na era virtual?”, observa: (...) “em nossa época de avanço exponencial das tecnologias de comunicação e informação, resumidas na presença avassaladora da Internet, surgem novos profetas anunciando a morte do Livro! Felizmente, o que se tem presenciado é o processo contrário: nunca se produziu tanto livro e jamais houve um acesso tão amplo a informações de toda ordem, contidas nas maiores bibliotecas e museus do mundo; jamais existiu uma livraria com um acervo de 3 milhões de livros como a `Amazon.com`, e criações generosas como a Biblioteca Virtual do Estudante produzida pela USP ou o Jornal de Poesia realizado por Soares Feitosa, que põem enorme volume de livros à disposição na Internet. Nossos velhos hábitos mentais não nos fazem capazes de vislumbrar sequer as mudanças que ainda virão nesse rumo sem limites”.

“E “crise da literatura”? Pode-se falar em crise, num sentido amplo.

Certamente a crise não será de criação, mas de editoração, de mercado editorial. Pois os poetas, contistas e romancistas não param de escrever. Se não conseguem publicar (em forma de livro), a causa não está neles. Ou está? Os leitores estariam mais interessados em Paulo Coelho do que em Francisco Carvalho? Ou tem sido sempre assim? Dizem que os editores esperam por novos transgressores da linguagem. Novos Guimarães Rosa, James Joyce, Franz Kafka. Não, eles esperam por novos *O Nome da Rosa*, *Harry Potter*, *O Código da Vinci*, que vendem antecipadamente milhões de milhares. O que é perfeitamente lógico, do ponto de vista do mercado. Eles estão interessados em quem vende mais. Em razão disso, poetas como Anderson Braga Horta, romancistas como Carlos Emílio Corrêa Lima, contistas como Emanuel Medeiros Vieira, e outras centenas de bons e excelentes escritores continuarão com seus livros nas gavetas ou nas páginas da Internet.

“Como afirmar que poesia não é lida? Há dezenas ou centenas os sites e blogs de pura poesia. Pelos comentários dos leitores, percebe-se que há uma avidez de leitura. Então por que são raros os livros de poesia nas prateleiras das livrarias?

Este texto, como os dois anteriores, fala de modo evidente de problemas literários que se envolvem com a Internet, dizendo, portanto, respeito a todos que se interessam pela compreensão plena do fenômeno da Literatura nos nossos dias.

Conclusão

Todos que lidam com literatura atualmente não podem deixar de discutir as palpitantes questões levantadas pelos textos acima retirados da Internet.

A riqueza sem limites da relação da Literatura com a Internet encontra inestimáveis contribuições para sua constituição na própria Internet, como se pode ver nos 3 exemplos apresentados e no que se poderá desocultar ainda em infinidades de outros.

Também não se pode mais olvidar que muitas criações literárias feitas por escritores consagrados já levam em conta a Internet. Mais ainda, uma nova linguagem, o Internetês, está cada vez mais pujante, sobretudo no uso da juventude e, é claro, que esse fato vai brotar uma expressão literária nova adequada a ele.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Severino. **Educação e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ARISTARCO, Guido e Teresa. **O novo mundo das imagens eletrônicas**. Lisboa: Edições 70, 1990.

BALOGH, Anna Maria. **Conjunções, disjunções, transmutações: da literatura ao cinema e à tv**. São Paulo: Annablume, 2005.

BARRETO, Lázaro. **Lázaro Barreto**. Disponível em: <http://lazarobarreto.blogspot.com>. Acesso em: 13 maio 2007.

BESSA, Pedro Pires et al. **Literatura & mídia**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2004.

BRIGGS, Asa; BRUKE, Peter. **Uma história social da mídia, de Guttenberg à internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

COSCARELLI, Carla Viana et al. **Letramento digital**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DOMINGUES, Ivan. (Org). **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

FERNANDES, Ismail. **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface, como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIMA, Luiz, Costa. **Mímesis e modernidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

LOBO, Luíza (Org.). **Globalização e literatura**. Rio de Janeiro: Relum Dumará, 1999.

LUCINDA, Elisa. **Contos de vista**. São Paulo: Global, 2004.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. **Literatura e música**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

RAMOS, Maria Luíza. Um domínio poético na teoria da autopoiese. In: DOMINGUES, Ivan. (Org). **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 319-344.

SILVA, Ezequiel Theodoro da et al. **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

VAMPRÉ, Octavio Augusto. **Raízes e evoluções do rádio e da televisão**. Porto Alegre: Fleplam. 1979. p. 215.

